

VISÃO DO CORREIO

Trump e a retórica das cavernas

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, não tem um plano de saída para a guerra que ele mesmo entrou contra o Irã. É o que ficou claro depois do discurso na noite de quarta-feira, quando ele substituiu a estratégia militar pela ameaça pura e simples. Ao declarar que pretende bombardear o Irã até fazê-lo “voltar à Idade da Pedra”, o chefe da Casa Branca escancarou a ausência de um planejamento para uma intervenção que se mostra cada vez mais desastrosa. Longe de projetar força ou tranquilizar a comunidade internacional, a retórica agressiva de Trump expõe a perigosa desorientação de uma superpotência encurralada no Golfo Pérsico pelas suas próprias e precipitadas decisões, e longe ainda de uma improvável admissão de erro.

O pronunciamento escancarou um vácuo tático assustador. Trump subiu ao palanque sem apresentar qualquer caminho claro ou cronograma viável para o fim das hostilidades. Em vez disso, tentou minimizar a gravidade do conflito, pedindo aos norte-americanos que mantivessem a guerra “em perspectiva”, enquanto se contorcia para acalmar um eleitorado domesticamente assombrado pela escalada nos preços dos combustíveis. É pouco provável, porém, que os cidadãos dos EUA, já pressionados por um aumento no custo de vida, comprem a retórica de Trump enquanto pagam cada vez mais caro no supermercado.

A prova de uma falta de rumo da Casa Branca atingiu o ápice quando o presidente descartou uma incursão por terra para capturar o urânio enriquecido, citou a operação na Venezuela que capturou o ex-presidente Nicolás Maduro como modelo de sucesso e chegou ao absurdo de declarar que o Estreito de Ormuz, artéria vital da economia global, “não é problema dos Estados Unidos”.

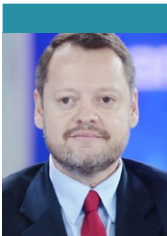
A soma dessas declarações erráticas confirma o que a comunidade internacional já suspeitava: a ação militar norte-americana

no Irã é, até o momento, um desastre em todos os aspectos. Não derrubou o regime, não estabilizou a região, isolou diplomaticamente os Estados Unidos e colocou o comércio mundial sob o risco de asfixia. A tentativa de forçar uma mudança de regime em Teerã pela via da força bruta esbarrou na complexidade de um Estado resiliente, que vem se preparando para este conflito desde a derrubada do xá Mohammad Reza Pahlavi em 1979.

A essa altura, a única via de escape racional do atoleiro vem sendo diagnosticada por analistas independentes. A solução exige uma dose cavalares de pragmatismo: Washington precisará exigir o fim verificável do programa nuclear iraniano, mas terá que aceitar, em contrapartida, que o regime dos aiatolás continue no poder. Trata-se da velha premissa diplomática de que não se pode obter na mesa de negociações aquilo que não se conquistou no campo de batalha. É preciso abandonar o delírio da mudança de regime e focar na contenção da ameaça atômica.

O grande obstáculo para essa solução pacífica, no entanto, não reside apenas em Teerã, mas na própria Casa Branca. Adotar essa saída diplomática exigiria que os Estados Unidos reconhecessem que iniciar essa guerra preventiva foi um erro de cálculo monumental. E é aí que reside o maior perigo. Admitir o fracasso e recuar exige grandeza política, uma virtude que colide frontalmente com a natureza errática e autocrática do atual Executivo norte-americano.

Para a diplomacia triunfar, Trump precisaria engolir o próprio orgulho, um sacrifício que ele historicamente se recusa a fazer. O risco iminente é que, na recusa em admitir que errou, o presidente americano decida levar adiante sua retórica primitiva. Ao tentar forçar o Irã de volta à Idade da Pedra, os Estados Unidos correm o sério risco de arrastar o resto do mundo junto com eles.



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

Olhar para o Cosmos

“Compreender onde vivemos é uma precondição essencial para aproveitar nossa vizinhança. Saber como são outros locais próximos também ajuda. Se ansiamos que nosso planeta seja importante, há algo que podemos fazer quanto a isso. Podemos fazer com que ele seja significativo com a coragem de nossas perguntas e a profundidade de nossas respostas”

Carl Sagan, em *Cosmos* (1980).

A frase do cientista planetário, astrônomo, astrobiólogo, astrofísico, escritor, divulgador científico e ativista norte-americano sintetiza, com precisão, o espírito que move a nova etapa da exploração espacial. O lançamento da missão Artemis II, na quarta-feira, não é apenas um feito tecnológico, mas a reafirmação de uma ambição humana antiga, a de compreender melhor o nosso lugar no Universo, agora sob novas circunstâncias, mais complexas e urgentes.

Trata-se do primeiro voo tripulado do novo programa de exploração lunar em mais de cinco décadas. Ao levar quatro astronautas para orbitar a Lua, a missão inaugura um novo capítulo, mais diverso, mais cooperativo e, ao mesmo tempo, mais competitivo. Diferentemente das missões Apollo, que comportavam apenas três tripulantes, Artemis II amplia a tripulação e o simbolismo. Christina Koch torna-se a primeira mulher a dar a volta na Lua; Victor Glover, o primeiro homem negro; e Jeremy Hansen, o primeiro não americano. Junto a eles, está Reid Wiseman.

Mas o retorno à Lua não é movido apenas pela curiosidade científica ou pelo fascínio histórico. O contexto geopolítico mudou. Se durante a Guerra Fria a corrida espacial era um

duelo entre Estados Unidos e União Soviética, hoje há um novo protagonista. A China, com sua estação espacial Tiangong e avanços consistentes em tecnologia própria, já demonstrou capacidade de operar na superfície lunar e projeta enviar taikonautas ao satélite ainda nesta década. A disputa, agora, envolve não apenas prestígio, mas também recursos estratégicos, como o hélio-3 e a água congelada.

Nesse cenário, Artemis II representa mais do que uma viagem de 10 dias. É um teste essencial para a construção de uma presença humana mais duradoura fora da Terra e um passo concreto rumo a Marte. Ao mesmo tempo, expõe a dualidade do mundo moderno. Enquanto avançamos tecnologicamente para além do planeta, enfrentamos aqui desafios cada vez mais urgentes, como as mudanças climáticas.

Como entusiasta da astronomia, sou partidário de que investir na exploração espacial não significa negligenciar os problemas terrestres. Ao contrário, muitas das soluções desenvolvidas para missões espaciais têm aplicação direta na Terra, especialmente em áreas como energia, sustentabilidade e monitoramento ambiental. Conhecer outros mundos pode, paradoxalmente, ajudar-nos a preservar o nosso. Em um planeta marcado por crises ambientais e instabilidades políticas, olhar para o espaço pode servir como lembrete de nossa fragilidade e da nossa capacidade de superação.

No fim, como sugeria Carl Sagan, o verdadeiro significado da jornada não está apenas na distância percorrida, mas na qualidade das perguntas que fazemos. Se a exploração do Cosmos nos levar a respostas mais profundas sobre a Terra, a viagem terá valido a pena.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Presidente do BRB

No **Correio** dessa quarta-feira (1º/4/2026) foi publicada uma notinha intitulada “Credibilidade”, no sentido de que a grande garantia do BRB não são eventuais imóveis que serão oferecidos para viabilizar o socorro, mas a credibilidade do atual presidente, Nelson Antônio de Souza. Com razão, pois o currículo do executivo é impressionante: foi presidente do Banco do Nordeste (ano em que o BNB teve o maior lucro da história); foi presidente da Caixa; em São Paulo (estado), presidiu a Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano, da Companhia Paulista de Obras e Serviços e da Companhia de Desenvolvimento Agrícola de São Paulo. Ainda dirigiu a agência de fomento Desenvolve SP-Banco do Empreendedor. Foi presidente da Brasilcap (empresa do Banco do Brasil e líder no mercado de capitalização) e, mais recentemente, ocupava confortavelmente a vice-presidência da Elo, recebendo elevada remuneração (à altura dos altos executivos). Estava no paraíso e foi convocado para ir resolver um problema no purgatório (detalhe: ganhando muito menos). Sua ida para o BRB implicou interrupção na sua carreira profissional, o que só se justifica por um elevado “sentido de missão” e desprendimento pessoal inerentes a poucos homens. Nelson é um deles, para sorte do BRB.

» **Milton Cordova Junior**
Vicente Pires

Serrinha

Tem a política, mas tem a vida cotidiana, leia isto. Dentro de um elevador no Centro Clínico Sudoeste, uma senhora com a filha junto declara: “O pessoal da Escola da Árvore deve estar muito feliz, a governadora recuou”. As mulheres tinham semblante de conforto espiritual e eu, intrometido que sou, perguntei: falas da Serrinha? E a conversa fluiu em torno das nascentes, das águas, do abastecimento, etc. Elas se foram e os olhares se despediram com outras frases de uma amizade momentânea conectadas por valores universais. Eu achei o máximo, aconteceu logo após ouvir da médica: coraçãõ nota 10, parabéns. Eu não busquei identificar as mulheres, bastou-me a conexão de alívio. E, nesse breve momento, fiquei com a sensação de certa contaminação na sociedade a respeito das águas e da Serrinha graças aos gestos e movimentos de gente muito boa lutando pelos recursos naturais de Brasília. Viva o movimento pela Serrinha, que uniu Brasília pelas águas e pela vida!

» **Antônio Menezes Júnior**
Asa Norte

Faltam remédios

Não bastassem os descasos nos postos de saúde, Upas e hospitais do DF, agora, quem precisa de remédio na rede pública não acha. É o caso do ASS, que está faltando no Posto de Saúde de Sobradinho. A senhora Celina Leão, que é da área de Saúde, e que se tornou governadora, informou que não vai ter festa do aniversário de Brasília (o que condecoro), pois a verba que iria para tal evento será transferida para a área de saúde. Quem sabe assim,

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Sexta-feira Santa: as igrejas estão silenciosas. Na liturgia não há canto, não há música e não se celebra a Eucaristia, porque todo espaço é dedicado à paixão e à morte de Jesus. O dia em que o amor se fez sacrifício. Tudo foi por você, por nós!

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

Para alguém como o senador Rodrigo Pacheco, que trabalhou para grandes mineradoras, em detrimento dos atingidos pela desgraça, nada mau ingressar num partido socialista. Haja coerência!

Joares Antônio Caovilla — Asa Norte

Governadora Celina, o DF precisa de uma “operação limpeza” urgente. É sujeira em todo lugar. Além disso, escuridão também. Já que o antecessor não fez isso, faça-nos esse favor.

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

eu, o seu Pedro e a dona Filomena tenhamos a sorte de ver o estoque de remédios nos postos. Diga-se de passagem, são vários remédios em falta na rede pública. Quem sofre são os mais necessitados. Que a verba vá mesmo para a área da saúde.

» **José Monte Aragão**
Sobradinho

Perplexidade

Todo o ser humano agraciado com a oportunidade da existência neste planeta merece o direito de determinar, de modo autônomo e livre, qual rumo conferir a essa experiência. Esse direito garantido a homens e a mulheres no Ocidente não é, entretanto, universal. Sabemos de países situados às margens do Ocidente que consideram as mulheres seres de segunda classe, sem direito de mostrar cabelo e criadas apenas para servir ao homem, virtualmente, como reprodutoras e escravas sexuais. Há até mesmo casos em que essa concepção degradante de mulher pretende ser imposta a todo o mundo. Tratando-se de uma postura dogmática, até entende-se a sua presença em certas mentes primitivas; o que nos deixa perplexos e confusos é perceber que existem mulheres ocidentais que apoiam e defendam tal regime. Em sentido contrário, resulta alvissareiro o movimento de defesa da mulher promovido pelo **Correio Braziliense**.

» **Rubi Rodrigues**
Octogonal

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM	ASSINATURAS* SEG a DOM R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em emprebo terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anúncios Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h; domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.uudapress.com.br